

Entrevista de José da Silva Lopes: as negociações comerciais com a CEE (Lisboa, 23 Outubro 2007)

Source: Interview de José da Silva Lopes / JOSÉ DA SILVA LOPES, Miriam Mateus, prise de vue : François Fabert.- Lisbonne: CVCE [Prod.], 23.10.2007. CVCE, Sanem. - VIDEO (00:08:34, Couleur, Son original).

Copyright: Transcription Centre Virtuel de la Connaissance sur l'Europe (CVCE)
All rights of reproduction, of public communication, of adaptation, of distribution or of dissemination via Internet, internal network or any other means are strictly reserved in all countries.
Consult the legal notice and the terms and conditions of use regarding this site.

URL:

http://www.cvce.eu/obj/entrevista_de_jose_da_silva_lopes_as_negociacoes_comerciais_com_a_cee_lisboa_23_outubro_2007-pt-6add5625-196c-40f3-8e1b-e07931656c5e.html



Last updated: 04/07/2016

Entrevista de José da Silva Lopes: as negociações comerciais com a CEE (Lisboa, 23 Outubro 2007)

[Miriam Mateus] Em relação aos outros países comunitários nessa altura, qual era a relação económica entre Portugal e os outros países comunitários?

[José Silva Lopes] Portugal tinha com os outros países comunitários as mesmas relações que todos os outros países europeus que não pertenciam à Comunidade. Portanto, era um terceiro país, passámos a ver e a sofrer discriminações contra os nossos produtos no mercado comunitário. Sei lá, o concentrado de tomate português, por exemplo, vendia-se com muita mais dificuldade porque o italiano era preferido, como é natural. Tínhamos as mesmas dificuldades que qualquer país da EFTA, portanto, que qualquer país europeu, digamos assim, não era só da EFTA, qualquer país europeu.

Quando a Inglaterra pediu o primeiro... A Inglaterra, como sabe, depois da EFTA, a primeira coisa que a Inglaterra fez foi querer negociar um tratado com a Comunidade Económica Europeia, um tratado da EFTA com a Comunidade Económica Europeia. E não resultou. Mais uma vez, o general de Gaulle opôs-se. Foi aquele projecto comandado por Edward Heath, que era nessa altura o primeiro-ministro britânico e eu direi que talvez o governante inglês mais pró-europeu que eu conheci até hoje. A Inglaterra tentou entrar para a Comunidade Económica Europeia e, nessa altura, saindo a Inglaterra da EFTA, é claro que os outros países da EFTA tinham todos interesse em negociar com a Comunidade Económica Europeia e Portugal também. Aliás os Ingleses, volto a dizer, nessa altura, eles-próprios empurravam – e fizeram bem, estavam a fazer o seu dever, foram correctos –, empurravam os países da EFTA para negociarem com a Comunidade Europeia.

Nós, portanto, nessa altura, era ainda mais uma vez o doutor Correia de Oliveira o ministro encarregado das negociações europeias. Eu já agora quero aproveitar esta oportunidade para dizer que a integração europeia desses anos deve-se a duas pessoas e principalmente ao doutor Correia de Oliveira, que era membro do Governo e que foi a pessoa que nos empurrou para a integração europeia, sem ele nós teríamos entrado muito mais tarde, sem dúvida nenhuma, certamente já éramos hoje membros da [Comunidade Europeia], mas tínhamos entrado era muito mais tarde. Como os Espanhóis e como outros, tínhamos vindo mais tarde. Entrámos logo naquela altura e isso deve-se a duas pessoas: ao prestígio do doutor Correia de Oliveira e à perseverança e audácia do embaixador Rui Teixeira Guerra. E qualquer história que se faça da integração europeia, Portugal na integração europeia não pode ignorar estes dois nomes.

Portanto, naquela altura tentou-se negociar com a CEE também. Nós, tal como qualquer outro país da EFTA. Mas o General de Gaulle mais uma vez disse «não» aos Ingleses – isso para os Ingleses não era o maior peso, enfim – e, portanto, disse mais uma vez que não e ficou tudo assim. E foi só quando o general de Gaulle já não era presidente da França e que veio o presidente Pompidou que se abriram novas oportunidades para a Inglaterra entrar na CEE. Nessa altura entrou a Inglaterra e a Dinamarca, e a Noruega também tentou entrar. Ou melhor, a Noruega negociou a entrada, depois o povo norueguês é que rejeitou a hipótese por causa das pescas e outras coisas assim. Mas portanto, os Noruegueses também tiveram a porta da CEE aberta para eles, não a quiseram aproveitar, não quiseram entrar, mas isso é lá com eles.

Portanto, nessa altura, Portugal, tal como os outros países da EFTA, teve que negociar com a Comunidade Europeia. E eu também estive envolvido nessas negociações. Aliás as negociações eram dirigidas a nível diplomático pelo embaixador Rui Teixeira Guerra, mais uma vez. O doutor Correia de Oliveira já não estava no Governo, foi o doutor Rui Patrício que também, enfim, fez um bom papel, já se passou com o tempo de Marcelo Caetano. Mas, as coisas correram bem, nesse aspecto, no aspecto político. É claro que, o doutor Rui Patrício fez um bom papel, mas não tinha os conhecimentos, as ligações que tinha tido o doutor Correia de Oliveira. Mas enfim, a coisa não correu mal por esse lado, foi num ambiente político já um bocado difícil, já havia muita reacção negativa.

Porque a EFTA até aí nunca tinha ligado muito ao facto de Portugal ser uma ditadura. Nós éramos uma ditadura mole ou considerada assim. E ao contrário da ditadura espanhola, a princípio não provocava assim as mesmas... Os Espanhóis, como sabe, a seguir à guerra tiveram uma grande reacção de outros países

européus, por isso é que os Espanhóis não entraram na OCDE e nós entramos, e isso assim. Mas nós éramos considerados uma ditadura que tinha sido pró-aliada ou que, pelo menos, colaborava com os aliados, as coisas tinham corrido melhor entre nós.

Mas por volta de 1970, as coisas para nós já estavam a ficar feias, não tanto por causa da ditadura, mas por causa da política colonial. Os problemas coloniais tinham começado em 1960, como sabe, e tinham-se vindo a agravar com os anos e em 1970 já havia uma grande hostilidade externa em relação a Portugal. A Europa nessa altura, já não estava muito confortável em fazer negociações com Portugal. Mesmo assim, fez. E tenho que reconhecer que foi de facto...enfim, para nós foi bom e para a Europa também terá sido, que essa coisa se tenha feito naquela altura. Mas, o doutor Correia de Oliveira já não estava nessas funções – mas, enfim, acho que a sombra dele ainda pairava nessas coisas – e o embaixador Guerra dirigiu as coisas ao nível diplomático e quem dirigiu ao nível técnico fui eu. Eu é que coordenei a equipa técnica.

Nós fizemos portanto o acordo comercial com a CEE de 1972. Foi um acordo inspirado na EFTA. Basicamente, tratava-se de manter as relações que tínhamos tido na EFTA com a Inglaterra e com a Dinamarca, uma vez que a Suécia ficava na EFTA à mesma, mas com os outros dois a gente mantinha as mesmas coisas. Houve casos em que não podemos manter, a gente tinha por exemplo um tratamento para o concentrado de tomate na EFTA que não podemos manter no acordo com a CEE, mas foram pequenos ajustamentos. De uma maneira geral, mantiveram-se as mesmas condições. Conseguimos também manter um período transitório grande, que a gente até prolongou um bocado.

E eu devo dizer que tenho as melhores memórias. Eu não lidava ao nível ministerial, lidava ao nível dos altos funcionários da CEE. Naquela altura, quem conhecia as negociações do lado da CEE era o director-geral das Relações Exteriores, que era um diplomata holandês chamado Wellenstein. As relações com ele e com a sua equipa foram sempre fabulosas, foi das grandes experiências da minha vida ter negociado com eles. E a coisa correu bem.

Entretanto, enfim, depois passaram uns anos, veio o 25 de Abril e as coisas melhoraram, mas enfim, eu acho que agora, quanto à sua pergunta, já respondi ao que tinha a responder.

[Miriam Mateus] Portanto, dizíamos há pouco que, o Reino Unido sendo membro fundador da EFTA tal qual como Portugal, os dois países sempre mantiveram relações económicas e comerciais privilegiadas. O facto do Reino Unido ter saído da EFTA, como dizia há pouco, em 1973, para aderir às Comunidades Europeias, em que medida é que influenciou a posição de Portugal para depois se aproximar das Comunidades?

[José Silva Lopes] Essa foi, como eu acabei de explicar, a razão pela qual nós, tal como outros países da EFTA, pedimos a negociação do acordo comercial com as Comunidades. E fizemos o tal acordo comercial de 1972 por causa do Reino Unido e da Dinamarca se terem tornado membros da Comunidade, e a gente tratou de manter as condições que tínhamos. E de uma maneira geral conseguimos. Portanto, o Reino Unido foi decisivo, claro.